



**Gabinete do
Arcebispo Primaz**

DISCURSO

Ref. DSC_03/2017

*Discurso na debate “Olhares sobre multiculturalismo”
do ciclo de conferências “Nova Ágora”*

Braga, Auditório Vita, 17.mar.2017, 21h

Conviver com a diferença

Uma palavra de boas vindas a todos vós que aceitastes dar vida a esta terceira edição da “Nova Ágora”. Convosco construímos uma aventura que aposta na reflexão e no diálogo enquanto motores para uma sociedade unida no essencial. Marcamos e marcaremos presença nos outros dois encontros deste mês de Março. Na verdade, este evento cultural constrói-se com todos e cada um. Um muito obrigado, desde já.

Iniciamos este itinerário de aprofundamento das temáticas sociais mais relevantes com o tema da multiculturalidade. A actual fisionomia da sociedade fala-nos disso mesmo. Não precisamos de reflectir muito para reconhecer este cenário. Só que, inadvertidamente, poderemos ainda estar norteados, em termos de princípio e de experiência, por um horizonte de sociedade monocórdica quando, na verdade, ela é plural. Esta é a primeira constatação que temos de acolher com consciência. A sociedade rege-se por critérios que não condizem com a estreiteza de um único pensamento.

Uma sociedade plural implica, ao mesmo tempo, a assunção da identidade e segurança naquilo em que se acredita. A pluralidade exige a coragem de assumir e defender convicções profundas sem que correntes maioritárias, por vezes até contrárias, nos desviem das opções vitais. José Ortega y Gasset dizia que “eu sou eu e a minha circunstância”. A minha personalidade é moldada, em certa medida, por aquilo que me rodeia e pelas pessoas com que me cruzo. Mas parece-me justo, contudo, defender a recusa de qualquer ideologia que pretenda o aniquilamento dos valores ou da fé. Não posso ter medo de ser diferente e de mostrar o que o sou.

Esta responsabilidade pessoal situa-me perante outras vivências que não posso ignorar. Posso até não concordar, mas devo ser capaz de conviver com elas. Os fundamentalismos obsessivos e extremistas nunca poderão ser aceites. Isto porque eles impõem os seus critérios, gerando perplexidade e temor quanto ao futuro. Urge um comportamento alternativo que se pautela pela tolerância.

A tolerância é a atitude da aceitação e da estima pela diferença. É a atitude de querer entrar em relação com o outro. Cada pessoa é um microcosmos. Aceitando as diferenças, e reconhecendo uma pluralidade de modos de encarar a vida, promovemos um ambiente saudável no plano da fé, étnico, político, cultural.



Para a Igreja, o multiculturalismo é também um caminho de aprendizagem. Perante novos desafios, caímos muitas vezes na tentação de nos colocarmos à defensiva. Talvez inconscientemente queiramos construir um muro para evitarmos questões que nos inquietam e contradizem o nosso modo habitual de agir. Há novas interrogações às quais não podemos fugir. Na verdade, nem queremos fugir. A Igreja ganha vida quando perde o medo de mergulhar nos debates culturais.

Os três encontros que temos agendados para hoje, e para os dias 24 e 31 de Março, serão marcados pelo diálogo de diferentes olhares, será um hino à tolerância, ao diálogo e ao compromisso. O sociólogo Zygmunt Bauman dizia que a tentação da nossa sociedade é “esquivar-se a uma complexidade cheia de riscos, refugiando-se na uniformidade”. Não deveria ser assim. Participemos neste diálogo com disponibilidade para nos desinstalarmos e agirmos de modo diferente. Obrigado a todos quantos, neste painel rico e variado, nos ajudarão a reflectir. A experiência e o conhecimento pessoais mostrar-nos-ão que conviver não é apenas uma remota possibilidade mas antes uma urgente necessidade.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*